Contos para a infância: Escolhidos dos melhores auctores por Guerra Junqueiro

Abílio Manuel Guerra Junqueiro

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Contos para a infância: Escolhidos dos melhores auctores por Guerra Junqueiro

Abílio Manuel Guerra Junqueiro

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

CONTOS PARA A INFANCIA

ESCOLHIDOS DOS MELHORES AUCTORES POR GUERRA JUNQUEIRO

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1877

A mãe

Estava uma mãe muito afflicta, sentada ao pé do berço do seu filho, com medo que lhe morresse. A creancinha pallida tinha os olhos fechados. Respírava com difficuldade, e ás vezes tão profundamente, que parecia gemer; mas a mãe causava ainda mais lastima do que o pequenino moribundo.

N'isto bateram á porta, e entrou um pobre homem muito velho, embuçado n'uma manta d'arrieiro. Era no inverno. Lá fóra estava tudo coberto de neve e de gêlo, e o vento cortava como uma navalha.

O pobre homem tremia de frio; a creança adormecêra por alguns instantes, e a mãe levantou-se a pôr ao lume uma caneca com cerveja.

O velho começou a embalar a creança, e a mãe, pegando n'uma cadeira, sentou-se ao lado d'elle. E contemplando o seu filhinho doente, que respirava cada vez com mais difficuldade, pegou-lhe na mãosinha descarnada e disse para o velho:

--Oh! Nosso Senhor não m'o hade levar! não é verdade?--

E o velho, que era a Morte, meneou a cabeça d'uma maneira extranha, em ar de duvida. A mãe deixou pender a fronte para o chão, e as lagrimas corriam-lhe em fio pela cara. Sentiu-se estonteada com um grande peso de cabeça; estava sem dormir havia tres dias e tres noites. Passou ligeiramente pelo somno, durante um minuto, e despertou sobresaltada a tremer de frio.

--Que é isto! exclamou, lançando á volta de si o olhar hallucinado. O berço estava vasio. O velho tinha-se ido embora, roubando-lhe a creança.

* * * * *

A pobre mãe saiu precipitadamente, gritando pelo filho. Encontrou uma mulher sentada no meio da neve, vestida de luto. «A Morte entrou-te em casa, disse-lhe ella. Via sair a correr levando teu filho. Anda mais depressa que o vento, e o que ella furta nunca o torna a entregar.»

--Por onde foi ella? gritou a mãe. Dize-m'o pelo amor de Deus!»

--Sei o caminho por onde ella foi, respondeu a mulher vestida de preto. Mas só t'o ensino, se me cantares primeiro todas as canções que cantavas ao teu filho. São lindas, e tens uma voz harmoniosa. Eu sou a Noite e muitas vezes t'as ouvi cantar, debulhada em lagrimas.

--Cantar-t'as-hei todas, todas, mas logo, disse a mãe. Agora não me demores, porque quero encontrar o meu filho.--

A Noite ficou silenciosa. A mãe então, desfeita em lagrimas, começou a cantar. Cantou muitas canções, mas as lagrimas foram mais do que as palavras.

No fim disse-lhe a Noite: «Toma á direita, pela floresta escura de pinheiros. Foi por ahi que a Morte fugiu com o teu filho.»

A mãe correu para a floresta; mas no meio dividia-se o caminho, e não sabia que direcção havia de seguir. Diante d'ella havia um mattagal, cheio de silvas, sem folhas nem flores, de cujos ramos pendia a neve cristallisada.

* * * * *

--Não viste a Morte que levava o meu filho?» perguntou-lhe a mãe.

--Vi, respondeu o mattagal, mas não te ensino o caminho, senão com a condição de me aqueceres no teu seio, porque estou gelado.»

E a mãe estreitou o mattagal contra o coração; os espinhos dilaceraram-lhe o peito, d'onde corria sangue. Mas o mattagal vestiu-se de folhas frescas e verdejantes, e cobriu-se de flores n'uma noite d'inverno frigidissima, tal é o calor febricitante do seio d'uma mãe angustiosa.

E o mattagal ensinou-lhe o caminho que devia seguir. Foi andando, andando, até que chegou á margem d'um grande lago, onde não havia nem barcos, nem navios. Não estava sufficientemente gelado para se andar por elle, e era demasiadamente profundo para o passar a váo. Comtudo, querendo encontrar o seu filho, era necessario atravessal-o.

No delirio do seu amor, atirou-se de bruços a ver se poderia beber toda a agua do lago. Era impossivel, mas lembrava-se que Deus, por compaixão, faria talvez um milagre.

--Não! não és capaz de me esgotar, disse o lago. Socega, e entendamo-nos amigavelmente. Gosto de vêr perolas no fundo das minhas aguas, e os teus olhos são d'um brilho mais suave do que as perolas mais ricas que eu tenho possuido. Se queres, arranca-os das orbitas á força de chorar, e levar-te-hei á estufa grandiosa, que está do outro lado: essa estufa é a habitação da Morte; e as flores e as arvores que estão lá dentro, é ella quem as cultiva; cada flor e cada arvore é a vida d'uma creatura humana.»

--Oh! o que não darei eu, para rehaver o meu filho!» disse a mãe. E apesar de ter já chorado tantas lagrimas, chorou com mais amargura do que nunca, e os seus olhos destacaram-se das orbitas e cairam no fundo do lago, transformando-se em duas perolas, como ainda as não teve no mundo uma rainha.

O lago então ergueu-a, e com um movimento de ondulação depositou-a na outra margem, aonde havia um maravilhoso edificio, com mais d'uma legua de comprido. De longe não se sabia se era uma construcção artistica ou uma montanha com grutas e florestas. Mas a pobre mãe não podia ver nada; tinha dado os seus olhos.

--Como heide eu reconhecer a Morte que me roubou o meu filho!» bradou ella desesperada.

--A Morte ainda não chegou, respondeu-lhe uma boa velha, que andava d'um lado para o outro, inspeccionando a estufa e cuidando das plantas. Como vieste tu aqui parar? quem te ensinou o caminho?»

--Deus auxiliou-me, respondeu ella. Deus é misericordioso. Compadece-te de mim, e dize-me onde está o meu filho.»

--Eu não o conheço, e tu és cega, disse a velha. Ha aqui muitas plantas e muitas arvores, que murcharam esta noite: a Morte não tarda ahi para as tirar da estufa. Deves saber, que toda a creatura humana tem n'este sitio uma arvore ou uma flor, que representam a sua vida e que morrem com ella. Parecem plantas como quaesquer outras, mas tocando-lhes, sente-se bater um coração. Guia-te por isto, e talvez reconheças as pulsações do coração de teu filho. E que davas tu por eu te ensinar o que tens ainda de fazer?»

--Já não tenho nada que te dar, disse a pobre mãe. Mas irei até ao fim do mundo buscar o que tu quizeres.--«Fóra d'aqui não preciso de nada, respondeu a velha. Dá-me os teus longos cabellos negros; tu sabes que são bellos, e agradam-me. Trocal-os-hei pelos meus cabellos brancos.»--Não pedes mais nada do que isso? disse a mãe. Ahi os tens, dou-t'os de boa vontade.»

E arrancou os seus magnificos cabellos, que tinham sido outr'ora o seu orgulho de rapariga, recebendo em troca os cabellos curtos e inteiramente brancos da velha.

Esta levou-a pela mão á grande estufa, onde crescia exhuberantemente uma vegetação maravilhosa.

Viam-se debaixo de campanulas de cristal jacinthos mimosissimos ao lado de peonias inchadas e ordinarias. Havia tambem plantas aquaticas, umas cheias de seiva, outras meio murchas, e em cujas raizes se ennovelavam cobras asquerosas.

Mais longe erguiam-se palmeiras soberbas, carvalhos e platanos

frondosos; depois n'um outro sitio isolado havia canteiros de salsa, tomilho, ortelã e outras plantas humildes que representavam o genero de utilidade das pessoas que ellas symbolisavam.

Havia ainda grandes arbustos em vasos demasiadamente estreitos, que pareciam rebentar; mas viam-se tambem floresitas insignificantes, em vasos de porcelana, na melhor terra, circumdadas de musgo, tratadas com esmero delicadissimo. Tudo isso representava a vida dos homens, que a essa hora existiam no mundo, desde a China até à Groenlandia.

A velha queria mostrar-lhe todas estas cousas mysteriosas, mas a mãe impacientada pediu-lhe que a levasse ao sitio onde estavam as plantas pequeninas; tacteava-as, apalpava-as, para lhes sentir o bater do coração, e, depois de ter tocado em milhares d'ellas, reconheceu as pulsações do coração do seu filho.

--É elle!» exclamou, lançando a mão a um açafroeiro, que, pendido sobre a terra, parecia completamente estiolado.

--Não lhe toques, disse a velha. Fica n'este sitio; e quando a Morte vier, que não tarda, prohibe-lhe que arranque esta planta; ameaça-a de arrancar todas as flores que estão aqui. A Morte terá medo, porque tem de dar conta d'ellas a Deus. Nenhuma póde ser arrancada sem o seu consentimento.»

N'isto sentiu-se um vento glacial, e a mãe adivinhou que era a Morte, que se approximava.

--Como é què deste com o caminho? perguntou-lhe a Morte. Chegar ainda primeiro do que eu! Como o conseguiste?--«Sou mãe» respondeu ella.

E a Morte estendeu a sua mão ganchosa para o pequenino açafroeiro.

Mas a mãe protegia-o violentamente com ambas as mãos, tendo o cuidado de não ferir uma só das pequeninas petalas. Então a Morte soprou-lhe nas mãos, fazendo-lh'as cair inanimadas. O halito da Morte era mais frio do que os ventos enregelados do inverno.

--Não pódes nada comigo!» disse a Morte.--Mas Deus tem mais força do que tu, respondeu a mãe.»--«É verdade, mas eu não faço senão aquillo que elle manda. Sou o seu jardineiro. Todas estas plantas, arvores e arbustos, quando começam a murchar, transplanto-as para outros jardins, um dos quaes é o grande jardim do Paraizo. São regiões desconhecidas; ninguém sabe o que se lá passa.»

--Misericordia! misericordia! soluçou a mãe. Não me roubem o meu filho, agora que acabo de o encontrar!» Supplicava e gemia. A Morte conservava-se impassivel; agarrou então instantaneamente em duas flores lindissimas e disse á Morte: «Tu despresas-me, mas olha, vou arrancar, despedaçar não só esta, mas todas as flores que estão aqui!

--Não as arranques, não as mates, bradou a Morte. Dizes que és desgraçada, e querias ir partir o coração de outra mãe!--«Outra mãe!» disse a pobre mulher, largando as flores immediatamente.--Toma, aqui tens os teus olhos, disse a Morte. Brilhavam tão suavemente que os tirei do lago. Não sabia que eram teus. Mette-os nas orbitas, e olha para o fundo d'este poço; vê o que ias destruir, se arrancasses estas flores. Verás passar nos reflexos da agua, como n'uma miragem, a sorte destinada a cada uma d'essas duas flores, e a que teria tido o teu filho, se porventura vivesse.»

Debruçou-se no poço, e viu passar imagens de felicidade e alegria, quadros risonhos e deliciosos, e logo depois scenas terriveis de

miseria, d'angustias e de desolação.

--N'isto que eu vejo, disse a mãe afflictissima, não distingo qual era a sorte que Deus destinava ao meu filho.»

--Não posso dizer-t'o, respondeu a Morte. Mas repito-te, em tudo isto que te appareceu viste o que no mundo havia de succeder ao teu filho.»

A mãe desvairada, lançou-se de joelhos exclamando: Supplico-te, dize-me: era a sorte infeliz a que lhe estava reservada? Não é verdade! Falla! Não me respondes? Oh! na duvida, leva-o, leva-o, não vá elle soffrer desgraças tão horriveis. O meu querido filho! Quero-lho mais que á minha vida. As angustias que sejam para mim. Leva-o para o reino dos ceos. Esquece as minhas lagrimas, as minhas supplicas, esquece tudo o que fiz e tudo o que disse.»

--Não te comprehendo, respondeu a Morte: Queres que te entregue o teu filho ou que o leve para a região desconhecida de que não posso fallar-te!» Então a mãe allucinada, convulsa, torcendo os braços, deitou-se de joelhos e dirigindo-se a Deus exclamou: «Não me ouças, Senhor, se reclamo no fundo do meu coração contra a tua vontade que é sempre justa! Não me attendas meu Deus!»

E deixou cair a cabeça sobre o peito, mergulhada na sua agonia dilacerante.

E a Morte arrancou o pequenino açafroeiro, e foi transplantal-o no jardim do paraiso.

O ouro

Era uma vez um rei, que, tendo achado no seu reino algumas minas

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com